



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES CAMPUS III
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

ROBERTA CAROLINE SILVA DE SOUZA

**AS DUAS FACES DA SOLIDÃO EM *O FILHO DE MIL HOMENS* DE VALTER
HUGO MÃE**

**Guarabira/PB
2019**

ROBERTA CAROLINE SILVA DE SOUZA

**AS DUAS FACES DA SOLIDÃO EM *O FILHO DE MIL HOMENS* DE VALTER
HUGO MÃE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial
para a obtenção do título de
Graduação em Letras-Português, pela
Universidade Estadual da Paraíba,
Centro de Humanidades, Campus III.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Suely Costa

**Guarabira/PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S719d Souza, Roberta Caroline Silva de.
As duas faces da solidão em o filho de mil homens de
Valter Hugo Mãe [manuscrito] / Roberta Caroline Silva de
Souza. - 2019.
25 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Maria Suely da Costa ,
Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Literatura Portuguesa. 2. Valter Hugo Mãe. 3. Solidão. I.
Título
21. ed. CDD 801.95


ROBERTA CAROLINE SILVA DE SOUZA

AS "DUAS FACES" DA SOLIDÃO EM *O FILHO DE MIL HOMENS DE*
VALTER HUGO MÃE

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial
para a obtenção do título de Graduação
em Letras-Português, pela
Universidade Estadual da Paraíba,
Centro de Humanidades, Campus III.

Aprovada em: 29/11/2019.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Maria Suely da Costa (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Rosilda Alves Bezerra
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Me. Maria Aparecida Nascimento de Almeida
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/PPGLI)

DEDICATÓRIA

À minha família que com todo amor me deu um lar, superando as diferenças para sermos unidos, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho, primeiramente a Deus, por que sem a permissão dele não estaríamos aqui.

Dedico também a minha mãe heroína (in memoriam) Josineide, que com sua garra e força de vontade me ensinou a lutar pelos meus ideais; ao meu pai (Roberto), que de forma carinhosa sempre me ensinou a ser honesta. A toda minha família que apesar de existirem diferenças, buscamos sempre estarmos unidos para superarmos os acontecimentos da vida.

Aos meus professores da formação que contribuíram para o conhecimento que tenho hoje, marcando minha formação acadêmica. Agradeço especialmente a professora orientadora que me ajudou com sua bagagem de conhecimento, com aporte teórico e organização.

Por fim, aos meus amigos do curso, que no decorrer desta caminhada tantas vezes me ajudaram a chegar até aqui.

Acatar o outro é também aliviar a solidão que se sen´

(Valter H. Mãe, 2012)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	VALTER HUGO MÃE E OBRA: BREVES PALAVRAS.....	12
2.1	<i>A narrativa: O filho de mil homens.....</i>	14
2.2	A constituição de uma família moderna na obra	15
3	AS DUAS FACES DA SOLIDÃO NA OBRA <i>O FILHO DE MIL</i>	18
3.1	<i>HOMENS</i>	19
3.2	A Primeira face da solidão: conformação.....	22
	A segunda face da solidão: sem expectativas.....	24
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
	REFERÊNCIAS.....	

AS DUAS FACES DA SOLIDÃO EM *O FILHO DE MIL HOMENS* DE VALTER HUGO MÃE

RESUMO

O presente artigo analisa a forma como o sentimento solidão está presente em personagens da obra *O filho de mil homens*. Nesta análise, buscamos verificar como se dá a relação das personagens com o sentimento solidão, seja pela escolha de vida solitária, seja pela exclusão que causa tal sentimento. A leitura tem por base os apontamentos teóricos dos autores como Kuinodoz (1993), Foucault (2003), Freud (2001) e Beuttermuller (2003) como meio de evidenciar o sentimento solidão representado na vida das personagens da citada obra de Valter Hugo Mãe. Nesta análise, verificamos que a solidão está representada em duas faces na trama, de um lado a solidão domesticada, que não há infelicidade ou angústia, e que o indivíduo vive bem mesmo sozinho, não se entristece por isso e consegue ter esperança na vida. De outro lado, a solidão que causa infelicidade, consequência de uma falta ou um acontecimento triste, o indivíduo não consegue se recuperar e afunda em uma angústia e tristeza profunda, sem expectativa alguma de satisfação na vida. Assim, a literatura possibilita ao leitor participar de um jogo de experiências, cujo resultado final pode (e tende a) ser o adensamento da experiência particular.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa. Valter Hugo Mãe. Solidão.

SUMMARY

This article analyzes how the feeling of loneliness is present in the characters of the work *The son of a thousand men*. In this analysis, we seek to verify how the relationship between the characters and the feeling of loneliness occurs, either by the choice of solitary life, or by the exclusion that causes such feeling. The reading is based on the theoretical notes of the authors as Kuinodoz (1993), Foucault (2003), Freud (2001) and Beuttermuller (2003) as a means to evidence the feeling of loneliness represented in the life of the characters of the aforementioned work of Valter Hugo Mom. In this analysis, we see that loneliness is represented on two sides of the plot, on the one hand the domesticated loneliness, that there is no unhappiness or anguish, and that the individual lives well even alone, is not saddened by it and manages to have hope in life. On the other hand, the loneliness that causes unhappiness, the consequence of a lack or a sad event, the individual cannot recover and sinks into a deep anguish and sadness, without any expectation of satisfaction in life. Thus, the literature allows the reader to participate in a game of experiences, whose final result can (and tends to) be the densification of the particular experience.

Keywords: Portuguese Literature. Valter Hugo Mãe. Loneliness.

1. INTRODUÇÃO

O romance *O filho de mil homens*, de Valter Hugo Mãe conta histórias de diversos personagens que estão postas como contos e histórias separadas, mas no decorrer do livro se encontram. A narrativa apresenta situações vividas pelas personagens, em um lugar que aparece como “a vila” no interior de Portugal, e estão ligados diretamente ao sentimento em comum que as une: a solidão. Nesta trama, quatro são as personagens que se destacam: Crisóstomo, Camilo, a Anã, Isaura e Antônio.

A escolha em discutir sobre o tema da solidão surgiu da leitura espontânea da obra, quando, através de um olhar sobre a vida dos personagens, despertou o interesse de refletir sobre como as questões em torno da solidão a felicidade é vista por cada um. Este romance pós-moderno nos permite enxergar a maneira de viver de cada um dos personagens, e como cada um deles lida com os acontecimentos ruins de sua vida. São as peculiaridades das palavras no jeito de se expressarem sobre a vida e seus próprios sentimentos que possibilitam ao leitor uma reflexão sobre duas maneiras de viver a solidão.

Tocante à metodologia, o trabalho é de teor crítico-analítico, em torno de aspectos da narrativa que envolvem as personagens protagonistas, a partir das quais, observaremos suas vivências em torno do sentimento solidão. O presente trabalho busca colaborar para os estudos e pesquisas sobre a obra, com um olhar mais específico para as formas de lidar com os acontecimentos, sofrimentos da vida. Em função disso, tem por base as reflexões teórico-críticas de autores como Kuinodoz (1993), Foucault (2003), Freud (2001) Mãe (2012).

O filho de mil homens, de Valter Hugo Mãe, narra histórias de pessoas identificadas, como pontua o próprio narrador, “aberrações sociais”. Estas, devido alguns acontecimentos, tornaram-se solitárias. Enquanto uns não se incomodam de viver na solidão, e mesmo assim buscam a felicidade, outros que são profundamente tristes e encaram isso como um fardo. Estes acontecimentos estão diretamente

relacionados com a forma com que a sociedade se posiciona na Vila em Portugal, lugar onde se passa as histórias e de onde são excluídos.

A história trata das vivências dos personagens moradores de uma vila onde a narrativa se passa. Esta pontua um fator importante para o desenrolar da história, pois é “conservadora e tradicional”, o que implica em conflitos e solidão na vida de cada um deles. A obra nos possibilita um olhar mais sensível para a forma em que as personagens solitárias da história encaram as situações que lhes ocorrem, Permitindo uma reflexão para o modo como a sociedade se posiciona nesse espaço.

A trama mostra cada personagem a viver sob a solidão, mas o que nos chama a atenção são as duas formas de enfrentamento desta, cada um com uma forma peculiar de lidar com este sentimento. A solidão é associada a tantos outros sentimentos, mas cada indivíduo enfrenta à sua maneira. A falta de interação, abandono, rejeição, carência de autoestima e tantos outros fatores que causam angústia e isolamento. Também existe a outra face da solidão na qual as pessoas se conformam em viver uma vida angustiante margem da sociedade. Ao tratar sobre a solidão, Kuinodoz (1993, p.23) afirma:

“ela pode ser uma conselheira mortal, mas, quando domesticada, pode se tornar uma amiga infinitamente preciosa. [...] Quando a angústia de separação é excessiva é vivido como um temor trágico de se ver só e abandonado, fonte primeira de dor psíquica e de sentimento de luto. [...] Ao contrário, quando é domesticada, a angústia de separação torna-se fonte da vontade de viver: domesticar a solidão não é suprimir a angústia, mas aprender a encará-la e utilizá-la para colocá-la a serviço da vida”.

A solidão seguindo o pensamento de Kuinodoz (1993) na maioria das vezes é um sentimento relacionado à falta de algo ou alguém, é a reação ao modo de viver sozinho ou insatisfação que ocorre devido alguma impossibilidade. Sabemos que cada indivíduo tem sua particularidade, adquiridas em suas relações desde a infância no meio familiar, os sentimentos também se diferenciam de acordo com cada maneira de ser, a forma de enxergar a vida e a solidão com uma sensação totalmente diferente de se sentir abandonado.

Podemos entender melhor esta outra forma de não ser infeliz por ser sozinho de acordo com o pensamento de Foucault (2003). Segundo os apontamentos deste teórico, só pelo fato de ter vida, de poder viver mesmo que não seja da forma que se deseja, ou mesmo de forma solitária, ainda que lhe falte algo para a completa felicidade, mesmo em sofrimento é uma condição do indivíduo e se dá pela sua forma de sensibilidade. Diante dessa hipótese, por sua vez, Freud (1972) apresenta que a ausência da pessoa

amada é uma das causas de angústia, tristeza e isolamento, a falta de algo para preencher lhe algum vazio.

Na trama de *O filho de mil homens*, a solidão está representada na forma que os personagens vivem depois de dramas e traumas, como decepções, ilusões, julgamentos. De forma que este contexto espelha como a sociedade está inteiramente ligada a presença da solidão na vida de cada um. São julgamentos em relação ao estilo de vida, a algo que aconteceu, como no caso de uma das personagens que se “entregou” antes do casamento, foi largada e teve que conviver com julgamentos e críticas durante sua vida, causando-lhe uma solidão extrema, a ponto de perder a vontade de viver.

Seguindo a vertente desse pensamento, Fisher (1982, p.19) observa que “Uma ampla gama de fatores pode contribuir para o aumento da vulnerabilidade das pessoas à solidão. Esses fatores são susceptíveis de aumentar a probabilidade de uma pessoa se sentir só e de ser mais difícil para a pessoa restabelecer um relacionamento social satisfatório”.

O citado autor em sua teoria apresenta fatores nos quais contribuem para o desencadeamento de uma solidão, fatores que são apresentados interiormente e exteriormente. Os fatores interiores estão ligados ao sentimento de ausência, desengano e conflitos psicológicos, já os fatores exteriores estariam marcados por uma sociedade presunçosa, preconceituosa, que influencia diretamente e indiretamente na vida das personagens.

Portanto, o foco da análise recai na representação da solidão na obra tomada como objeto de estudo, observando o papel da sociedade na vida e no sentimento dos personagens. Desta forma, para execução deste estudo decidimos dividir o trabalho em pontos. Assim, inicialmente, evidenciamos em breves palavras o autor e a sua proposta de escrita e também, apresentamos seu estilo literário, no qual o escritor evidenciou em seu romance contemporâneo. Depois, expomos como era caracterizada uma família na sociedade, como também demonstrar que laços familiares pode se ter através, independentemente de serem parentes sanguíneos ou não. Em seguida, analisamos dados da obra objeto de estudo através do comportamento das personagens.

2. VALTER HUGO MÃE E OBRA: BREVES PALAVRAS ¹

O escritor Valter Hugo Lemos nasceu na Angola, na cidade de Saurimo, em 25 de Setembro de 1971. Passou a infância em Paços de Ferreira e em 1980, mudou-se para Vila do Conde, em Portugal. Acrescentou “Mãe” ao nome como fins artístico. É licenciado em Direito e pós-graduado em Literatura Portuguesa Moderna e contemporânea.

Os quatro primeiros romances de Valter Hugo Mãe são conhecidos como "a tetralogia das minúsculas", com letras capitais, para chamar a atenção para a natureza oral dos textos e recondução da literatura à liberdade primeira do pensamento.

Em 2007 alcançou o reconhecimento público com o ganho do Prêmio Literário José Saramago para a obra *O remorso de Baltazar Serapião*.

Dentre suas obras, destaca-se *A desumanização*, *O filho de mil homens*, *O remorso de Baltazar Serapião*, *A máquina de fazer espanhóis*. Suas temáticas estão sempre relacionadas a acontecimentos do cotidiano que ele expressa através das palavras de forma intensa e cheia de detalhes. Suas histórias são sempre marcadas pela emoção.

Do ponto de vista crítico, vem recebendo elogios entre estas, destaca-se como mais notável, a do escritor Jose Saramago que, ao entregar ao angolano o prêmio que leva seu nome, disse: “A experiência da leitura de Hugo Mãe é como assistir a um novo parto da língua portuguesa”. (SILVA,2017, p,193)

Como podemos ver no livro *O filho de mil homens*, se faz breve nas descrições dos personagens, mostrando-se, segundo a crítica, como discente da escola literária portuguesa, em que Eça de Queiroz com suas minúcias descrevia seus cenários e seus personagens.

As ilusórias superficialidades nas descrições de seus personagens não expressam uma carência de profundidade, pelo contrário, Hugo Mãe sabe entrelaçar seus personagens. É uma escrita simples, mas profunda.

O texto evidencia a visão que a sociedade tem sobre estes homens e mulheres, é o contexto de uma pequena comunidade, com seus preconceitos e julgamentos, intervindo nas descrições.

¹ <https://www.fnac.pt/Valter-Hugo-Mae/ia90845/biografia>

No entanto, a superficialidade deste diagnóstico realizado como Valter Hugo Mãe descreve os personagens vai sendo quebrada no desenrolar da trama e dará lugar a reflexões sobre a sociedade com a realidade. O autor consegue mostrar a profundidade e intensidade das dores, e caracterizar a solidão como critérios para o assolamento sentimental ou como uma hipótese para uma vida conformada, na simplória vida dos moradores destes lugares.

2.1 A narrativa: *O filho de mil homens*

O livro *O filho de mil homens* (2012), conta histórias que aparecem como contos separados, mas, que no decorrer do Romance vão se unindo, personagens unidos por um sentimento em comum: a solidão. As personagens têm histórias de vida que A “vila” que fica no interior de Portugal, é o local em que as histórias se passam, tem como personagem principal Crisóstomo e a partir da história dele se desenvolvem outras histórias de personagens que também se destacam nesta obra. Mãe nos leva a ter um olhar sensível para a história das personagens.

O que chama a atenção na história da personagem Crisóstomo é a maneira com que enxerga a vida, aprecia a natureza e a vida com esperança de que pode melhorar. A anã é uma personagem que é vista como “coitada” pela sociedade, que logo após descobrir os seus desejos amorosos é vista como se não pudesse sentir esses tipos de sentimentos e pela sua estatura tivesse que viver sozinha sempre afundada no sofrimento. “Que ridícula soava a ideia de uma triste anã querer amar se o amor era um sentimento raro já para as pessoas normais. Para as pessoas” (MÃE, 2012, p. 25).

A trama narrativa de Hugo Mãe desperta nosso imaginário, pois existem acontecimentos que não costumam existir na realidade, como iremos conhecer na história de Crisóstomo que passa a ter um filho quando acaba de conhecê-lo.

A sociedade no livro é conservadora e tradicional, que julga de acordo com sua forma de pensar, sem receio do que pode causar no indivíduo que recebe o julgamento, e é a partir dela que se desenvolvem os conflitos da história.

No decorrer da história as personagens vão se entrelaçando e os destinos se unindo, de forma simples e aguçando nosso imaginário, tornando as características de cada uma explícita e interessante. Cabendo ao leitor uma maior interação com o texto para fins de analisar os sentidos articulados na trama.

A narrativa, logo de início, trata sobre a vida de Crisóstomo, um solitário e não tem nem se quer família, apesar de desejar tanto um filho, ele não vivia se lamentando de sua solidão, era conformado, mesmo assim nunca perdia o desejo incansável de ter alguém pra chamar de filho.

A personagem Maria, mãe de Isaura, que diziam que tinha a “síndrome, do sotaque estrangeiro”, falava de forma esquisita, como se pertencesse a outro lugar, tentava se livrar deste sotaque de todas as formas, mas não conseguiu e foi se afundando em uma angústia inconsolável.

Isaura era prometida a um rapaz que era seu vizinho, mas se entregou antes do casamento, sofreu com as consequências, o rapaz não se casou e ela passou a viver triste e solitária.

A Anã, personagem que é vista pela sociedade como sofredora e coitada, mas não se considerava assim, tinha desejos e pensamentos como uma mulher comum, julgada por ter engravidado e não saber quem era o pai, seu filho Camilo fica órfão logo que nasce e passa a ser o filho que Crisóstomo tanto desejava.

2.2. A constituição de uma família moderna na obra

As características das famílias influenciavam no parâmetro em que ela se encaixava, durante este processo da construção familiar, as mesmas foram caracterizadas por fases. As famílias eram tradicionais, moderna e pós-moderna, na obra de Mãe, a família evidenciada é a pós-moderna.

A família tradicional, como afirma Ponciano (2003), no século de XVII, era composta por pai, mãe e filhos, que se misturavam, sem haver uma delimitação de início e fim, pois as famílias conviviam com parentes próximos e parentes distantes, então, a família era vista como apenas uma linhagem parental.

No período seguinte entre o século XVII e XIX, as famílias foram se dissolvendo devido a revolução industrial, pois, passaram a viver apenas pai, mãe e filhos, sem haver uma convivência com outros parentes. Essa nova construção familiar, se diferenciava por possuir sentimentos de amor e cumplicidade. Como elucida Ponciano (2003)

A família nuclear se tornou a célula base da sociedade e ficou responsabilizada por educar seus filhos e ensiná-los sobre a cultura, o que mostra a conquista da criança por seu lugar dentro da família. Por outro lado, a mulher naturalizada mãe perde sua multiplicidade de lugares, reforçando a opressão a partir do controle de seu papel

materno. Dentro da dinâmica nuclear ao pai recai o papel de proteção física e moral, além do papel de provedor da família; à mãe os cuidados básicos para com o filho e acalento de seu marido. (PONCIANO, 2003, p.23)

Já na pós-modernidade, com a influência sobre a sociedade das altas tecnologias e o mundo globalizado, houve a diminuição das diferenças culturais e aumento de trocas de informações com reflexos em todas as relações sociais. Com a família, parece não ser diferente, ela vai se formando de maneira mais ampla com novos modelos e diferentes formas de ligações entre os membros, coerentemente com os ideais valorizados por movimentos sociais.

O tipo de família formada na obra de Valter Hugo Mãe, comparada há tempos atrás, seria considerada uma casa de loucos, cada um com sua história seja de tristeza profunda, ou de uma vida cheia de problemas. A maneira como o autor coloca a “família” na obra, abordando um modelo diferente da tradicional, dando espaço assim para uma observação à família moderna.

O leitor pode perceber que esta conjuntura familiar não seria estruturada em outros tempos, as ligações sanguíneas não interessam nas páginas da obra, a união das “aberrações” é mais forte que os preconceitos que as cercam e dos modelos sociais que imaginavam que deveriam seguir. (COSTA E SILVA 2017, p. 196)

A constituição desta família, para o autor, contudo não se dá de maneira simples. Isso porque, na medida em que os integrantes deste grupo primeiro passam por processos de exclusão social, são personagens que recebem o peso de não pertencer aos moldes pré-determinados da vila (ou do mundo), da qual, o conservadorismo e a desvalorização do que é diferente é implícito na personalidade de grande parte dos seus moradores. Não foi aleatório que Mãe a escolheu como panorama para compor sua narrativa.

O ambiente da vila carrega consigo um peso exterior e interior, tendo como vista personagens que moram na mesma, e que trazem consigo fardos adquiridos pela “pressão” existente na sociedade da vila, os julgamentos e expectativas egoístas relacionadas as personagens. Apesar das personagens representarem figuras marginalizadas pela sociedade e levarem uma vida sofrendo preconceitos, eles têm em comum a tão esperada busca pela felicidade, esquecendo assim que são taxados como diferentes e entendendo que são seres humanos e podem se permitir sentir os mesmos sentimentos que qualquer pessoa. Crisóstomo é uma personagem importante na

formação da família da obra, pois a sua maneira de enxergar a vida, a forma como ele lida com a solidão é o que os une, o afeto e a forma simples de aceitar e acatar o outro.

O romance de Hugo Mãe trata de afeto, e apesar de breve possui uma riqueza nos detalhes das descrições de cada personagem, de forma que nos sensibiliza sem que pareça uma obra melancólica, apesar de trabalhar a solidão ligando a realidade.

As aparentes superficialidades nas descrições de seus personagens não significam uma ausência de profundidade, pelo contrário, Hugo Mãe sabe “engatar” seus personagens e suas descrições. É uma escrita ao mesmo tempo simples e profunda, assemelhando-se à descrição que o crítico James Wood faz de um livro de Ford Madox sobre Josef Conrad, alertando aos riscos que os escritores novatos geralmente cometem ao descrever suas cenas assemelhando-as a fotografias. Para Wood, “É importante encarar o leitor com a capacidade de decifração das palavras”, e isso Mãe consegue fazer. (COSTA E SILVA 2017, p. 193)

A obra *O filho de mil homens* possibilita observar como a solidão está posta, de que maneira a solidão pode ser tão dolorosa a ponto de haver o isolamento. O uso das descrições detalhadas trabalha a empatia, um olhar para a esperança que há nas personagens apesar das situações que lhe causam solidão.

3. AS DUAS FACES DA SOLIDÃO NA OBRA *O FILHO DE MIL HOMENS*

A solidão acompanha o ser humano desde o momento de sua existência. É algo que desde a infância os primeiros sinais vêm à tona, mas a forma com que o indivíduo a doma é a chave para que no futuro saiba lidar com ela. Ferreira (2010) define a solidão como sendo o estado do que se encontra ou vive só; a solidão como o estado de quem se acha ou se sente desacompanhado ou só; Já para a filosofia a solidão possui um desafio que é transformá-la em nossa aliada, como podemos ler abaixo:

A filosofia conceitua a solidão em termos filogenéticos, incorporada a existência humana, e como subproduto desta. Para esta ciência o grande desafio é transformar a solidão em aliada de nossa realização pessoal, de acordo com ela o ser humano nasce só, sua dor e prazer ele tem no interior do seu ser, e finalmente morre só. (ÁVILA, 2011, p. 2)

Ainda segundo assevera Ávila (2011), no campo da psicanálise, a solidão se encontra intimamente ligada às doenças mentais, sintomas neuróticos e psicóticos, sua

explicação para esse assunto não tem a ver com a espiritualidade reduzindo os comportamentos humanos baseados no impulso sexual. Para a psicologia social, a solidão é uma reação emocional de insatisfação devido à falta de relacionamentos significativos a qual são incluídos algum tipo de isolamento. Assim, como já podemos notar, a solidão está ligada a falta de algo ou alguém, o que impossibilita o indivíduo de encontrar a satisfação na vida, como se fosse pela metade, e a angústia e o isolamento são resultados desta falta.

Em sua obra Freud caracteriza a solidão como um estado no qual o indivíduo sofre emocionalmente, este estado emocional é bem marcante nos personagens da obra de Mãe, nos quais os personagens sofrem de vários arquétipos levados a uma solidão, ao contrário do que Freud exemplifica anteriormente, a personagem da Anão não se deixa influenciar, por uma vida melancólica e triste. Levando em consideração de que a sociedade a reconhece como aberração, mas em seu interior ela sente que pode se relacionar como qualquer outra pessoa, ela não permite que a solidão influencie no seu ego.

A solidão decorre quando os acontecimentos da vida promovem raiva, tristeza, ou decepções, momento em que o indivíduo reprime-se, se isola, seu ego fica abalado, pensamentos e sensações de medo de que a sociedade esteja lhe ridicularizando, julgando-lhe, como se fossem tiradas as possibilidades e a esperança de ser feliz.

A solidão é caracterizada como um estado de vazio interior, insatisfação e tédio, a presença de pessoas ao nosso lado não são suficientes para que este problema seja resolvido. A solidão é um quadro triste que fragiliza e desumaniza o homem e produz amargura e tristeza, pois, pouco a pouco faz com que a pessoa chegue à conclusão que não pode alcançar seus objetivos, vendo com seus olhos a morte de concretização de seus projetos e ideais. (ÁVILA 2011, p.4)

O medo que acompanha a solidão, gera insegurança e angústia, porém, o sentimento de medo não é dado ao homem por Deus, no lugar deste existe os sentimentos de poder e amor.

3.1 A Primeira face da solidão: conformação

Analisando as condições das principais personagens podemos perceber que a solidão está posta no texto como sempre relacionada a uma falta de alguém. Veremos aqui de início dois personagens que representam a face da solidão conformada, que não vive a reclamar de seu destino.

Em primeiro lugar, observemos a história da personagem Crisóstomo, um pescador que apesar de conformado com sua vida, sentia o desejo de ter um filho, era sozinho e lhe faltava isso para que sua felicidade ficasse completa. Apesar de a personagem sentir que lhe faltava algo, tudo o que ele tinha o tornava satisfeito pela vida que levava, conformado e sempre observando tudo ao seu redor de forma esperançosa. Este carregava dentro de si o contentamento, a paz de espírito por saber esperar pela felicidade sem cair em profunda tristeza, em melancolia intensa e em desespero. Como vemos neste fragmento sobre o Crisóstomo: “Para dentro do homem era um sem fim, e pouco ou nada do que continha lhe servia de felicidade”. (MÃE 2012, p.19)

O que nos chama atenção é a forma com que Crisóstomo lida com a sua solidão, vive só, contudo é conformado com sua vida, o que leva a constatar que nem toda solidão é vivida de forma angustiada e infeliz. Como podemos ver neste trecho da obra em que Crisóstomo, apesar de sozinho, aprecia a vida de forma simples e grato:

Numa noite, antes de sair com seus companheiros para o alto-mar, o homem que chegou aos quarenta anos demorou-se à entrada da sua colorida casa. Estava um sossego incrível instalado naquele mundo e ele baixou-se, deixou-se sobre a areia como sentado para pensar melhor e percebeu como a vida tinha as suas perfeições. O céu estrelado, o mar esplendo e os pinhais adiante, as traineiras a saírem como pirlampos de flutuar. (MÃE, 2016, p. 22)

Neste trecho, podemos observar que nem o falta de um filho, que lhe fazia solitário, tirava-lhe a vontade de viver e muito menos diminuir seu ânimo, pois, mesmo com a falta, conseguia admirar a vida, admirar o céu estrelado, sempre esperançoso.

A personagem Crisostomo encontra o Camilo, um órfão, e o adota como filho. A partir deste núcleo, pai e filho, felizes, mas ainda incompletos, procuram respectivamente uma esposa e uma mãe. Podemos dizer que o personagem Crisóstomo é a figura iniciante do romance. Através do desejo dele de ter um filho, surge a esperança de felicidade e de se ter uma família mesmo que não de sangue.

Após adotar Camilo como um filho, Crisóstomo sentia-se feliz, como se não lhe faltasse mais nada na vida para ser feliz. Porém seu filho Camilo lhe aconselhou a procurar uma mulher. Crisóstomo mesmo achando que já estava completamente feliz pensou sobre o conselho do filho, sentiu desejo de ter uma mulher como companheira, dizia já fazer muito tempo que se envolveu com alguém. Pontuando a conclusão de que “Quem tem menos medo de sofrer, tem mais possibilidade de ser feliz.” (MÃE, 2016, p.30)

Quando lhe apareceu uma mulher, também sozinha, Crisóstomo agradeceu a natureza que ele sempre tanto conversou e sorriu com a mesma felicidade de sempre, mas agora, completa. “O homem que chegou aos 40 anos sorriu, e aquele sorriso já não era o mesmo do dia anterior. Já não era como nenhum outro do passado, era o dobro de um sorriso.” (MÃE, 2015, p.31)

Em contexto semelhante ao da personagem Crisóstomo, também se destaca na trama outra personagem solitária. É a Anã, julgada pelo o narrador como uma “anomalia social”, como se pode perceber na frase anterior, em que a exclui do estatuto do ser humano.

A sociedade avalia por suas características de mulher anã, vista como impotente e coitada. Mas a personagem, não reclama de sua própria sorte, acredita no fundo que ainda encontraria um homem que a amasse, vivia com sua casa sempre arrumada como se esperasse o dia que sua felicidade chegaria.

Nem é gente, pensavam as pessoas. Como uma criança que envelhece e não deixa de o ser. [...] Não é gente como a gente. E a anã sem ouvir tanto do que diziam ou saber tanto do que pensavam sobre si, dizia uma e outra vez que ainda esperava por um homem com maneiras delicadas que quisesse ficar consigo. (MÃE, 2016, p. 34)

A vizinhança achava anã triste e solitária, e cogitavam que ela precisava sempre de visitas, mas a anã gostava de ficar sozinha, sabia aproveitar sua própria presença. Neste trecho do livro nota-se que a anã apesar de viver cheia de limitações, sozinha, tinha que lidar com o preconceito de todos, mesmo assim, cuidava de sua casa, fazia sua comida, tratava bem suas visitas, conformada a ponto de causar inveja nas vizinhas que viviam de aparência. Como demonstra no trecho abaixo:

A anã dizia que tinha passado uma boa noite e que já arrumara a casa, e fizera a sopa, [...] sinto-me muito bem, hoje os comprimidos do doutor estão a fazer bom efeito. [...] Era estranho que a anã estivesse há dias mais contente, com vontade de adiantar as coisas, deixar tudo limpo[...] punha tudo a jeito e não perdia tempo... (MÃE, 2016, p. 35)

Segundo Foucault (2006) a felicidade está na maneira em que o indivíduo tem de se reconstruir ou de se contentar mesmo quando o corpo sofre algo. Quando dominamos os sentimentos que podem nos afligir, passamos a ter o controle de nossos sentimentos, e obtemos o crescimento pessoal. Desta maneira, a personagem Anã lidar com sua situação diante da sociedade, controlando todas suas ansiedades e medos.

Nestes personagens percebemos que a solidão é domesticada, pois compreendem seus medos, inseguranças e faltas em relação a outros indivíduos e ao mundo, enxergando dessa forma, acontece a melhora tanto do relacionamento com o mundo, quanto consigo. Podendo assim viver só, mas conformado.

3.2 A segunda face da solidão: sem expectativas

Neste tópico analisamos personagens que se destacam pela vida isolada, solitária e triste na obra, nos mostrando a outra face da solidão, diferentemente a que foi abordada no tópico anterior. Uma solidão que causa angústia, tristeza e tira as esperanças e expectativas de uma vida feliz.

Isaura, menina virgem, conhece a solidão cedo. Ela não soube administrar seus sentimentos e conheceu a face ruim da solidão, depois de ser ensinada a esperar para só se entregar ao noivo depois do casamento. Porém não cumpriu as regras, foi abandonada e caiu em tristeza profunda.

A Isaura fechava a boca. Sentia-se feia, via-se feia. Lavava-se e sentia-se suja, via-se suja. Adoçava-se e já não tinha como se preñar. Estava sempre magoada e suja. [...] Cortou o cabelo e ficou feia, mesmo que já não se visse, mesmo que nunca mais quisesse olhar para o espelho. Não comia, não queria mais ser gorda, não queria ser do campo. Não queria ser ninguém. [...] Estava para sempre sozinha, e para sempre era quase uma impossibilidade, por isso pensava que sua vida se encurtaria para lhe tirar todo e qual direito de ser de outro modo, de ser outra. (MÃE, 2016, p. 59)

A personagem Isaura, como podemos ver neste trecho, não gostava mais da vida, não tinha mais motivos para ter esperança, não queria e nem tinha forças para levantar-se, pôs sua felicidade em razão de alguém que a abandonou, não quis tentar se reerguer e vivia em uma solidão profunda, pensava que o amor era só aquela infelicidade, tinha uma ideia de amor de acordo com o triste episódio que lhe aconteceu.

Isaura fora abandonada e se sentia incapaz de conquistar outro rapaz, os pais sempre lhe falavam que o mais importante era não se entregar, se importavam mais com isso do que com os sentimentos dela, como podemos ver neste trecho:

O pai perguntava: sangras. E ela respondia: não. A mãe dizia: se calhar não foi ao fundo. O pai perguntava: saem coisas. E ela respondia: não. A mãe dizia: se calhar não foi ao fundo. O pai dizia: não foi ao fundo. A mãe dizia: não foi, não. A Isaura não via sair nada e não sabia o que pensar. O pai dizia: adoça-te, filha, tu adoça-te. Dizia que se adoçavam as moças no seu asseio. Era um modo de estarem prendadas e se acostumarem a permanecer bonitas. A beleza das raparigas estava grandemente no asseio. O pai dizia: adoça-te, filha. Era o que lhe dizia tantas vezes, como se fosse um dia normal e a Isaura pudesse voltar a estar inteira e prendada. (MÃE, 2016, p.57)

Toda essa angústia causou uma solidão profunda de Isaura, o abandono, a visão triste do amor, a falta de sensibilidade dos pais que demonstraram preocupados só com a desonra. Segundo Barros (2001) as pessoas ficam vulneráveis à solidão e com consequências, por diversos fatores que implicam diretamente em sua interação social:

Uma ampla gama de factores pode contribuir para o aumento da vulnerabilidade das pessoas à solidão. Esses factores são susceptíveis de aumentar a probabilidade de uma pessoa se sentir só e de ser mais difícil para a pessoa reestabelecer um relacionamento social satisfatório. (BARROS, 2001,p.34)

Depois disso Isaura passou a isolar-se e era desacreditada do amor, não via gosto em se arrumar ou se interessar a pensar em outra pessoa, estava vulnerável a solidão, sem esperanças e expectativas de felicidade.

Quando no decorrer da trama Crisóstomo demonstra interesse por Isaura, já está tão decepcionada com a vida e com o amor que não acredita, e acha que nem mesmo merece o interesse dele. e tanto ouvir dos pais que se apressou entregando-se, acabou por acreditar mesmo no que diziam e se desvalorizar-se, como podemos ver neste trecho do livro em que ela demonstra uma visão infeliz de si mesma:

Sentia-se lisonjeada com o interesse do pescador, mas era uma lisonja de recurso, como por desespero. A lisonja das prostitutas. Das que se contentavam com o interesse perverso dos homens porque não conseguiam um interesse limpo, amoroso, com decoro. A lisonja das infelizes. A Isaura pensava nisto e talvez colocasse a hipótese de ceder. Seria pouco errado ceder. Já há tanto entornara a virgindade, aquela fortuna escondida entre as pernas que vira sair transformada em sangue. (MÃE, 2012, p.72)

Para Isaura, como vemos no trecho, a solidão e a angústia já estavam a fazer morada em seus pensamentos, os acontecimentos futuros já não tinham tanta importância, pois ela não colocava expectativa alguma em nada, e assim, não tinha satisfação com nada, por causa das decepções que sofreu.

A satisfação com a vida parece estar em grande medida relacionada com a qualidade do nosso relacionamento social. Diversa investigação sugere que a solidão está associada a diversos estados afetivos como sentir-se menos feliz (Fisher; Phillips, 1982; Russell; Peplau; Ferguson, 1978) e insatisfeito (Neto, 1989).

Apesar da sensibilidade que Valter Hugo Mãe utiliza na descrição dos sentimentos das personagens, podemos perceber que a solidão fica explícita nestes personagens, a delicadeza das palavras torna ainda mais comovente os acontecimentos. A literatura, de fato, tende a nos sensibilizar ao retratar as angústias e faltas das

personagens, mas também nos mostra uma sociedade conservadora e tradicional que julga sem pensar nas consequências para a vida da pessoa que está recebendo os julgamentos, sem se preocupar com as características boas, visualizando apenas as limitações dos indivíduos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por foco fazer uma leitura do texto literário com a temática voltado para o sentimento de solidão. Na análise, buscamos verificar como se dá a relação das personagens com o sentimento solidão, seja pela escolha de vida solitária, seja pela exclusão que causa tal sentimento.

Através de uma abordagem feita por uma reflexão acerca da solidão na vida dos personagens Crisóstomo e a Anã, buscamos evidenciar os fatores que, de alguma forma, sinalizam para o preconceito, marginalizando esses personagens da sociedade.

Nesta análise, verificamos que a solidão está representada em duas faces na trama, de um lado a solidão domesticada, que não há infelicidade ou angústia, e que o indivíduo vive bem mesmo sozinho, não se entristece por isso e consegue ter esperança na vida. De outro lado, a solidão que causa infelicidade, consequência de uma falta ou um acontecimento triste, o indivíduo não consegue se recuperar e afunda em uma angústia e tristeza profunda, sem expectativa alguma de satisfação na vida.

Do ponto de vista do leitor, o texto literário também possibilita uma singularidade uma vez que “[...]a ação de ler supõe o isolamento, contato direto com o texto, capacidade de gerir a solidão para chegar à internalização dos significados descobertos e posicionados diante deles. (AGUIAR, 1999, p. 253).

Nesse processo, acentuam as perspectivas do leitor e de sua capacidade interpretativa a respeito da literatura, as quais podem suscitar reflexões relevantes sobre a contingência de conceitos literários. Assim, em contato com a experiência do outro, a literatura possibilita ao leitor participar de um jogo de experiências, cujo resultado final pode (e tende a) ser o adensamento da experiência particular.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. “O que é o contemporâneo”. In: AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

AGUIAR, Vera Teixeira de. “Leitura literária e escola”. In: EVANGELISTA, Aracy A. M.; BRANDÃO, Heliana M. B.; MACHADO, Maria Zélia V. **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

BARROS, José. NETO, Félix. **Solidão em Diferentes Níveis Etários**. Porto Alegre. 2001.

BEUTTENMULLER, Eric. Fraternidade de mil homens in: Revista Desassossego, 8^a ed. São Paulo, 2012.

SILVA, Fagner Costa. “O filho de mil homens e a construção da família moderna.” **Pontos de Interrogação**, v.7, n. 1, jan.- jun., p.193-198, 2017.

DANTAS, Marília Antunes. **Isolamento Social Voluntário e Processos criativos**. Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro. 1993 (Dissertação de mestrado)

FREUD, S. **Luto e melancolia**. Tradução, introdução e notas de Marilene Carone. São Paulo: Cosacnaify, 2011. MÃE, V. H. A desumanização. Porto Editora: Portugal, 2013.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. ISBN 978-85-385-4198-1.

FEITOSA, João da Cruz Gomes. “Estudo Sobre a Solidão”. Artigo

FISHER, C.; PHILLIPS, S. “Who is Alone social characteristics of people with small networks”. In: PEPLAU, L.; PERLMAN, D. (Eds.). **Loneliness: a sourcebook of current theory, research and therapy**. New York: WileyInterscience, 1982.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 11. ed. São Paulo: Graal, 1993

KUINODOZ, Jean- Michel. **A solidão doméstica: a angústia da separação em psicanálise**. Porto Alegre, 1993.

MÃE Valter Hugo. **O filho de mil homens**. 2^o. ed. São Paulo: Biblioteca azul, 2016.

NOGUEIRA, Renato Perez Avila. “Um estudo da solidão humana e sua explicação nas ciências psíquicas e na teologia” – um estudo comparativo. **Pontos de Interrogação**, v.14, n. 1, out.- dez., p.1 a 6.

PERES, U. T. “Uma ferida a sangrar- lhe a alma”. In: FREUD, **S. Luto e melancolia**. Tradução, introdução e notas de Marilene Carone. São Paulo: Cosacnaify, 2011. p. 101-137.

PONCIANO, E. L. T., & Carneiro, T. F. (2003, julho/dezembro). **Modelos de família e intervenção terapêutica**. **Interações**, VIII(16), 57-80.

SILVA, M. C. P. (2003) **Da educação física, moral e intelectual a um corpo idealizado**: desvelando o discurso médico nas teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Tese. (Doutorado em Educação Física) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.